

Programa polar português leva 19 cientistas de todo o país a trabalhar na Antártica

17 de Janeiro, 2017

O Programa Polar Português (Propolar) vai permitir este ano a deslocação à Antártida de 19 cientistas de instituições nacionais, mas também leva búlgaros, chilenos, chineses, coreanos e espanhóis, resultado da colaboração internacional, disse hoje a coordenadora do programa, noticia a Lusa.

Financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), o Propolar, que apoia projetos de investigação e a ciência polar portuguesa, tanto no Ártico, como na Antártida, organiza anualmente uma viagem de avião para transportar investigadores para o pólo.

Este ano a campanha tem partida marcada para quinta-feira e integra 122 elementos, dos quais 19 são cientistas portugueses, e faz a ligação entre Punta Arenas, no Chile, e a ilha de Rei Jorge, na Antártida.

“O nosso voo vai permitir o transporte de vários investigadores portugueses, de búlgaros, chilenos, chineses, coreanos e espanhóis”, nacionalidades que variam de ano para ano, e para a viagem de regresso já estão na lista 52 cientistas, avançou a diretora executiva do Propolar.

Várias instituições em todo o país, de laboratórios de Estado a unidades de ensino superior, têm equipas que se dedicam à investigação polar e Teresa Cabrita refere que há investigadores, por exemplo das universidades da Beira Interior, Porto, Coimbra, Aveiro, Algarve ou Évora.

O Propolar financia a deslocação dos cientistas para os polos, assim como a criação de condições de alojamento e de trabalho, contando com a colaboração de programas parceiros de outros países, havendo também investigadores portugueses que se integram em campanhas estrangeiras.

Como Portugal não possui infraestruturas na região antártica, as campanhas portuguesas são baseadas na “forte cooperação internacional” com países como Argentina, Bulgária, Brasil, Chile, China, Espanha, EUA, República da Coreia e Uruguai.

Teresa Cabrita realça o espírito de colaboração entre todos os cientistas polares e lembra as condições difíceis em que trabalham, climatéricas, mas também de isolamento. As missões podem prolongar-se por um a três meses, tempo em que os investigadores estão afastados do seu ambiente habitual, e o trabalho de campo “é bastante duro”, por isso, o perfil destes cientistas tem de ser o adequado.

“Organizamos reuniões de preparação de campanha em que se explicam as características do projeto e condições em que se desenvolve o trabalho

científico na Antártida”, explica a responsável. Estes necessitam de uma certificação médica, respeitante a condições físicas e psicológicas, e de cumprir as normas de conduta para a investigação naquela zona, definidas no Tratado da Antártida, visando não mais que um impacto ambiental mínimo.

Todos os projetos são sujeitos a uma certificação da Agência Portuguesa do Ambiente (APA). Os cientistas também fazem um curso de primeiros socorros e suporte básico para a vida.

Esta campanha realiza-se no período de verão da Antártida, correspondente ao inverno em Portugal, quando as temperaturas variam entre zero e 10 graus negativos.

A diretora executiva do Propolar refere que, por vezes, regista-se uma grande e repentina variação das condições meteorológicas, o que condiciona muito o desenvolvimento do trabalho dos cientistas.

O trabalho não se esgota na Antártida e o material recolhido é analisado em laboratórios, em Portugal ou em parceria com equipas de outros países, e só depois preparados os artigos científicos a publicar em revistas internacionais, para dar a conhecer o resultado da investigação.

**Foto de Reuters*